

BA
LEN
GO
TEN
GOS

POEMAS DE BOTIJA

Gilson Soares Cordeiro

Editora
**SER
TÃO
CULT**
10 anos

BA
LEN
GO
TEN
GOS

POEMAS DE BOTIJA

GILSON SOARES CORDEIRO

Balengotengos: poemas de botija
© 2024 copyright by: Gilson Soares Cordeiro
Impresso no Brasil/Printed in Brazil



Editora
**SER
TÃO
CULT**
10 anos

Rua Maria da Conceição P. de Azevedo, 1138
Renato Parente - Sobral - CE
(88) 3614.8748 / Celular (88) 9 9784.2222
contato@editorasertaocult.com.br
sertaocult@gmail.com
www.editorasertaocult.com.br

Coordenação Editorial e Projeto Gráfico
Marco Antonio Machado

Coordenação do Conselho Editorial
Antonio Jerfson Lins de Freitas

Revisão
Keula Araujo

Projeto gráfico e Ilustrações
Antônio Amaral

Catálogo
Leolph Lima da Silva - CRB3/967

C794b	Cordeiro, Gilson Soares. Balengotengos: poemas de botija. / Gilson Soares Cordeiro. - Sobral CE: Sertão Cult, 2024. 196p. ISBN: 978-65-5421-180-2 - papel ISBN: 978-65-5421-181-9 - E-book Doi: 10.35260/54211819-2024 1. Literatura brasileira. 2. Poemas. 3. Literatura. I. Título. CDD 869.1
-------	--

SUMÁRIO

Prefácio - **9**

TRAPICHE DE ESTRELAS

- O mar e eu - **19**
Brinca de facas no Mercado de Peixes - **21**
Mariscos e segredos - **23**
O bar Caverna - **24**
Bailarino naval - **25**
Anêmona Atlântida - **27**
Alga Maria - **29**
O menino afogado - **30**
O Peixe - **31**
Flor de aço - **32**
Miss Lagosta - **35**
Na rua escura do cais - **36**
Baile das Almas - **37**
Trapiche - **40**
Iemãejá - **41**
Catedral de Baleia - **44**

GAVETAS DE PLUMAS

- Caderno antigo - **53**
Plágio absoluto - **54**
Outubro ou nada - **56**
Jamais janciro - **57**
Embaçado coração - **58**
Carta ao pai - **59**
Lírico - **60**
Curva - **61**
Vou buscar nosso filho - **62**
Por dentro de casa - **64**
Por dentro de casa - **65**
Repartições de repartições públicas - **66**
Shakespeare aos 15 anos - **67**
Dédalo completa 440 anos - **68**
Prateleiras de estrelas - **69**
Favela palavra - **70**

SUMÁRIO

Balengotengo -	71
Das histórias de herói -	72
Dédalo lunar -	77
Lar-birinto -	78
Lembrar para esquecer -	79
Ontem -	80
Saturno -	81
Inseto sem plumas -	83
Dédalo pós-moderno -	84
Três ou quatro minutos antes de morrer -	85
A cor de teus olhos marrons -	86
Asas de Besouro -	87
Poema extraído de uma conversa com Belchior, o fugitivo -	88
Shakespeare vai ao analista -	89
Dédalo vai ao analista -	90
Vivos fantasmas -	93
Fantasmas vivos -	94
Tremor e temor -	95
Tremor e temor -	98
Deixem que os mortos enterrem seus mortos -	101
Segundas terças quartas intenções -	102
Álvares com 15 anos -	103
Pergunto a ela pelos punhais -	104
A fonte de minha falta fala -	105
Poema para a amada que me esqueceu lá no banco da praça enquanto caía uma chuvinha azul -	109
Heaven -	110
Eye Eye Eye -	111
Ética a meu filho Luz Tanto -	113
Política de Dédalo -	117
Meu nome -	118
Quem vai? -	120
Acesso acessório -	121
Sujeito moderno -	122
1978 - ? -	123
Sangue de barata -	124
Amor? -	126

O habitus de amar - **127**
Poema res-posta - **130**
Poema que não é uma resposta - **131**

ECO E OCO

eu quero me trepar num pé de coco - **139**
Escrevo - **140**
Dizem que o social que chora lá fora não deve interferir no processo literário - **141**
Luta de crases - **142**
Abr-aço - **143**
Poesia, de nada! - **144**
Teoria terapia literária - **146**
É preciso o menino discordar do mestre - **147**
Gilson foi à praia - **148**
Poesia vitral - **149**
Teoria terapia literária II - **150**
Toda quinta Quintana me salva - **151**
Dédalo explicando seu poema - **152**
Shakespeare explicando seu poema - **153**
Shakespeare e Dédalo finalmente se encontram - **154**
Phebo - **156**

PORNO GRÁFICOS

Sr. e Sra. Barata em noite de núpcias - **165**
Sexo explícito em aula de matemática - **166**
De óculos escuros na aula de geografia - **167**
Palestra de Bill Gates sobre o ano de 2515 - **168**
Estereótipo de cor - **169**
Chupada de carço - **170**
Filosofia em manchete de farmácia - **171**
Poesia em manchete de farmácia - **172**
Sexo oral - **173**
Orgasmos múltiplos - **174**
Ela 71 anos, ele 25 cm - **175**
Eu e minha esposa brincando de cafetão e prostituta - **176**
Kama Sutra - **177**

Sapoti abertinha de madura e caída aos pés - **178**

Ana anã relendo pela enésima vez Moreira Campos - **179**

Curva porque hoje é domingo - **180**

V - **181**

Aqueles dois - **182**

AXIOMAS DE XXXX

Prefácio

AO ABRIR A BOTIJA, O EXISTIR SE TRANSFORMA

Quando Gilson Cordeiro intimou-me a prefaciar seu livro de poemas BALENGOTENGOS, primeiro veio-me o contentamento à alma, pelo privilégio e honra, depois o susto pelo grande desafio da larga responsabilidade. Mas um dia, enquanto mexia o guisado de Esaú, me veio ao varal da memória aqueles afetos de Prost para com suas Madeleines, que nunca lhe saíram da memória, tão pouco da existência de seus dias, enquanto ser humano.

Larguei da colher, apaguei o fogo, tampei a panela para que não lhe saltasse do peito os aromas ainda não terminados. Tomei da tinta e sai a escrever, o que para muitas pessoas pode ser chamado de prefácio, para mim, uma experiência sensível memorável.

Ao bolinar a botija que Gilson Cordeiro construiu, fui enveredando por caminhos e lugares de seu tear, tal como um cais de um rio-mar que não cessa de partir e chegar gentes. Um porto consubstanciado de presente-futuro-passado, não necessariamente, nesse sentido cronológico.

Balengotengos são os arranjos e desarranjos guardados, desguardados ao tempo e ao vento, que o poeta foi ornamentando de existências em sua vida. Sua botija é como a almofada de biltros das senhoras que tecem histórias de alimentar, em lenços e panos de enfronhar a vida. Seus poemas encorajam homens e mulheres a saírem para o mar ainda meninos e que “Voltam marujos com peixes e sonhos vermelhos”.

BALENGOTENGOS tem o movimento súbito o qual se referia Mario Quintana. Tudo antes já existia. O que está na botija aberta do poeta é o súbito substancial que se expande de maneira lúdica, filosófica, linguisticamente lambuzada de alma, cor e música, para que possamos “todos os dias, antes de entrar no aquário sonhar com algum modo de respirar”. Gilson Cordeiro nos convida a vasculhar suas “ gavetas de plumas”. Para isso, sensivelmente, nos fornece todas as chaves.

Qual sementes de águas e girinos, o poema-poesia de Gilson Cordeiro não se queda submerso nas correntezas das existências. Contudo, não é revoltante de vontades contrárias do fazer natural das correntezas. Sua escrita poética-fotográfica-sensível-linguística navega e deixa-se navegar nas tintas cotidianas presentes, passadas e antepassadas de seus seres queridos, ente queridos.

Seu trapiche de estrelas é situado na lente ótica de siris e tambaquis, transmutados nas existências e resistências humanas molhadas de esperança. O poeta e o Mar se

mergulham como cúmplices conscientes de que é necessário ser submerso nalguma estação da vida, para que se alcance a superfície de profundidade de experiências e vivências no caos. Olho de siri que olha a estrela cansada de tantos oceanos e recorre imagetivamente ao menino que passeia ancorado no Balengutengos.

Seu coração catedral abre os vitrais coloridos para tocar sensivelmente os portos da vida com a memória de ser poeta-homem. Lembrar? Esquecer? Sem dicotomias, Gilson Cordeiro escreve letra a letra uma leveza de quem na vida soletra cadernos antigos em gavetas silenciosas de fonemas em festa. Seu primeiro livro de poemas de botija não é sua primeira escrita de poeta. Ele o é, desde seu primeiro beijo em janeiro, pois desembulha um mundo e o redesenha em linhas e cores de abraços horizontais.

Balengutengos é um caderno escrito à mão e peito, fiado e desfiado em linhas que não correndo a vida e diz de cores que sabem de nós. Cores que destampam botijas para recrear no pátio de nossas mesas de comer, fartando nossos fantasmas vivos. “Eu não sabia onde estava meu coração”, diz o poeta, traçando-nos um enigma, que nos fortalece de fôlego no sentimento.

No fio do sol, o poeta se equilibra, suspendendo um varal de estrelas para iluminar suas lembranças, como aquela que fala “Eu andava mão a mão com meu pai”, que “no domingo nos contava piadas à mesa do almoço”. Nesse movimento de engrenagens naturais de sorrir, Gilson Cordeiro tece, no alforje dialógico-poético de sua botija, um Eco dissonante do seu ser interior. Sua poética veste-se de Oca, “valendo-se de outros Expedientes” porque não “usa palavra como quem usa brincos”. O sentido das palavras é ouvir o mundo “como quem sente falta do terceiro ouvido”.

São esses sentidos que fazem transbordar o poeta, que se joga para fora, apresentando-se na metáfora-real do seu poema. A metáfora-real mesmo transbordada não sobra, não é o cbeio do copo vazio, pois a forma como Gilson Cordeiro risca de existências sua poética, motiva-o a dizer que “a cada esquina que risco/sinto que estou escrevendo meu destino/no destino escrito”. O poeta não está fingindo. É isso mesmo que se sente no conteúdo bruto do imprevisito-súbito da letra sensível de sua vida, pois na sua botija, quando ele se curva para escrever uma linha, sua mão volta para o início da tinta

Orlando Cantuário



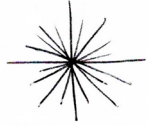
TRAPICHE DE ESTRELAS

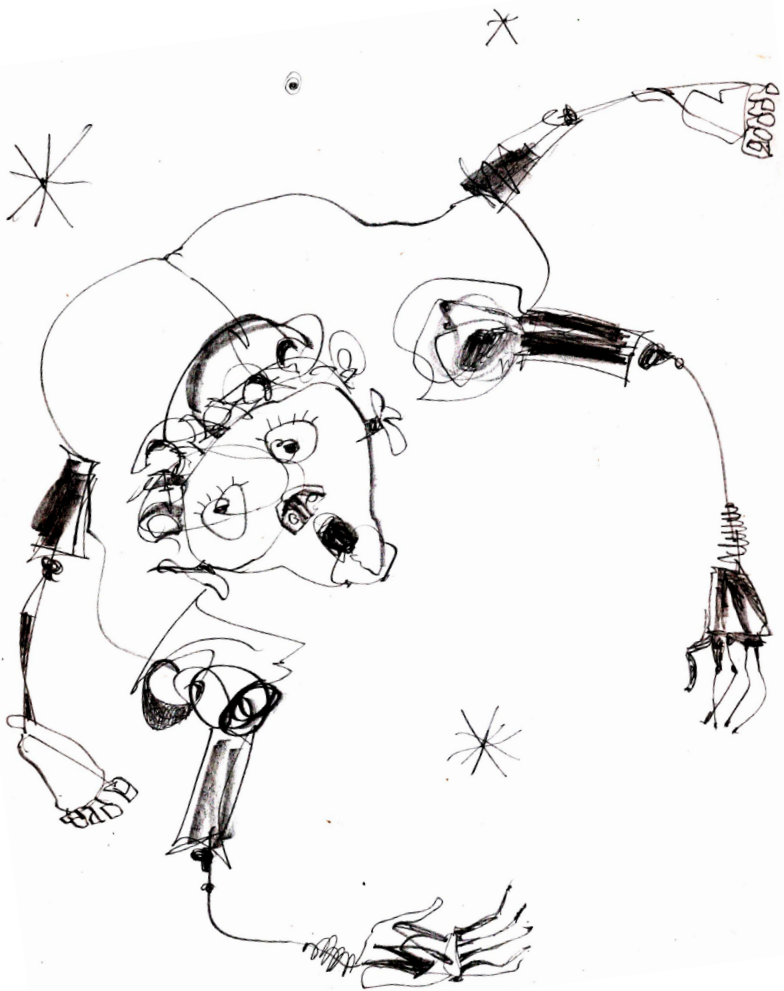
poemas de ancoragem

*Quem faz um poema abre uma janela.
Respira, tu que estás numa cela abafada,
esse ar que entra por ela.*

*Por isso é que os poemas têm ritmo,
para que possas profundamente respirar.
Quem faz um poema salva um afogado.*

Mário Quintana





o que é um trapiche?
mar ancorado por uma saudade

o que são estrelas?
canoas de luz ancoradas no olhar

O mar e eu

para Camocim

O mar sempre esteve comigo,
com suas ondas e caprichos.

Velhaco, amigo das dobras do tempo,
marisqueiro de segunda,
marinheiro Domingos.

Confesso que sempre fui abastado
de areia
e sol.

De tanta luz, minha Enseada, linda como sal,
fez de nosso oceano: um Tambaqui,
duas Estrelinhas do Mar,
um pequeno ágil Caracol.

Lembro de meus dois velhos Siris,
percebendo que eu andava
em minhas falésias,
descobriram-me no seco e
tomaram nuvens à tarde comigo,
vendo o pôr do som.

De seus olhos de mar, marulhos,
quedei-me molusco,
em paz com o perigo das redes e anzóis.

Então, de repente, as marés dobraram-se
para dentro de mim
e envelheci....

Envelheci sobre a borrasca
das brancas e vermelhas
lindas linhas dos botes que desenhei
em abraços musculosos de paz.

À revelia de mim,
minhas esperanças navegaram por aí,
pelas correntezas,
como sementes de águas e girinos.

Meu coração, finalmente, tábuas, pregos,
tarraxas, rangia esperanças,
assobiando sábio de qualquer destino.

Esfinge de areia,
fingi de mim meu coração
Trapiche de Estrelas.

De estrelas,
minhas guelras descansaram sobre as suaves
águas profundas.

Sim, minha Estrela do Mar e eu,
curtidos a mar,

trompa d'água de luz,
dormimos a qualquer hora do cais.

Esperando da madrugada,
nosso melhor carinho,

cabelos de espumas,
somos abissais.

Brinca de facas no Mercado de Peixes

Gringa ossuda de sol perguntou:
“Que peixe é esse aí?”,
Peixeira respondeu: “Do mar”,
“Respeita Filé de Pescada Branca”,
Amolou Chico Punhal.

Nervosos, os novos ossos de Cutelo,
Sem a cabência de um só cabelo,
Recolheram a tábua de escamas prateadas,
Esconderam os polvos nas latas de flandres.

Banhado de água doce, gabou-se Nego Navalha:
“Nenhuma navalha que valha
A guelra de greta Garbo”.

Não houve “ouve não” que desse jeito,
Retiraram-se os brincos mais afilhados,
De certo, os brinco, eu mesmo, com os mais afiados.

Dançou no vento a velocidade das adagas,
O balde de tripas cheio de ódio vermelhava a água,
Água de gases de gases
Esporão e bigodes de bagre
Golpe bagre
Carnes de cabeça lagosta
Olhos moles de molusco
Patadas de
Caranguejo
Aleijo
De siri
Moreia de areia nos olhos
Peixe boi
Pisa de rabo de arraia
Dormência na mandíbula das ostras
Outras boquiabertas quebradas
Cachaça achada ao final da caça
Cação caçula sem dó nem pier de tarde
Gargalhadas de gogós de garrafa.

Quase havendo camas de escamas,
Manel pelo Avesso, inexplicavelmente sóbrio
Naquela manhã,
Eloquente de punhos,
Acabou com a orgia
e
Discursou todos para casca.

Mariscos e segredos

para todos os mares

Há homens que saem para o mar ainda meninos,
voltam marujos com peixes e sonhos vermelhos,
pargos e noites enormes, inteiras.

Pela madrugada,
descamam as preces ligeiras,
verificando os olhos firmes do peixe,
retiram as tripas do medo.

Ao amanhecer,
vendem os menorzinhos valentes,
por qualquer dinheiro.

Mareados, pressentem seu destino
no destino do peixe.

Em casa,
as mulheres encharcadas de tempo
sentem a dura metáfora do carinho
cozido no leite.

Essas mulheres de antenas,
parabólicas,
esperavam homens com guelras e gentilezas,
sobretudo com cotovelos...

Pensam sob o frio da noite imensa:
será uma fraqueza sorrir ralando coco?
Meter a certeza de seus estilhaços doces
na casca dura da boca?

Na manhã seguinte,
filetadas pelos olhos dos filhos,
com os panos da vela sacudidos no cabelo,
ariam a bacia grande como se fosse espelho,
fervem seu amor com mariscos e segredos.

O bar Caverna

Chovia...

O último anfíbio entrou no bar Caverna,
era um Batráquio na rua escura do Cais.

Olhos esbugalhados, todos os girinos o fitaram,
dirigiu-se ao balcão, ensopado de solidão.

Sentou-se à mesa gordurosa
de tábuas ancestrais,
lançou no espaldar do tempo,
a jaqueta de cardumes.

Bebeu duas ou três garrafas de amarga
amar
água sal
salgada.

Trocou duas ou três palavras
com uma linda Ostra de dentes
afiados.

De seu ostracismo, ele grelhou os remos
nas vagas da sua maré.

“Sirigaita!!!”, ele pensou,
“Gargalhada de foca”,
“Rabo de arraia”.

Era dezembro, os botes dormiam em casa,
tranquilos, em paz.

Bailarino naval

Para J. Vicente

Era um bailarino das águas,
tocava um fuzil de seus acordes de flauta

Jovem como um pôr de sol
amarelo, tinha um coração de ostra

No cardume de projéteis,
caracol sua palavra,
jurou calibre à alma

Doce como um aço,
casulo de cama,
camaradagem

Mas, na pirueta de um mergulho
fácil,
mais que fácil,
raso

O pé esquerdo da alma
dobrou uma esquina da
saudade

Era de tarde

Ampulhetas na rocha de Aquiles,
sorriso de ferros velhos congelados,
deu de ombro arma

Era de tarde

O bailarino das águas
lavava, pela última vez, a água do mar

Pé de bailarino
soldado com o pôr
do som
que saía da boca de uma
flauta

De pé, em frente ao
mirante de guerra e paz

Era de tarde

Então, o bailarino se distanciou
do tecido azul
e branco do mar

Enquanto

O som adocicado da flauta metalizava
para sempre o ritmo da pérola água

Anêmona Atlântida

A primeira vez que conheci um corpo de mulher foi em frente aos botes, no clube Terra e Mar, rua das Flores.

Eu tinha apenas 15 anos.

Eu não estava sozinho,
comigo estavam
Alfredo, o olho de lata, Pedro Banha,
o filho de Dona Nega Esmeralda.
Eram meus diretores de assuntos intervaginais.

Passávamos horas desenhando triângulos,
cilindros e círculos em qualquer lugar
matematicamente proibido.

No quarto, apenas eu, filhote de cação,
e ela, Atlântida.

Diferentemente dos filmes de cowboy e telenovelas
que eu mastigava, ela tinha olhos azuis e uma tarde inteira de flores
entre a boca e a saia.

Eu tinha duas mãos, dois olhos.
Eram mãos demasiadamente
grandes
que não couberam dentro do quarto,
elas ficaram lá fora adoçadas de tédio e amor.

Atlântida me examinou como fazem as experientes
pediatras, tratou minha coqueluche,
dores fantasmas e arrematou:
“Nunca deixe pessoas estranhas tirarem sua alma sem a presença
de seus pais.”

Ao beiral da porta amarela mofada, segurando meu dinheiro liquidificado, Atlântida me beijou no rosto como se fosse uma anêmona beijando um cacto.

Nunca senti tanto amor em solidão naquele emplastro.

Meu corpo, desde então, é adoecido de tatuagens de Anêmonas e Atlântidas nas pernas e nos braços.

Deixei livre as costas e o peito para outras imagens.

Editora
**SER
TÃO
CULT**
10 anos

Este livro foi composto em fonte Garamond , impresso no formato
14 x 21 cm em Polen natural 80g/m², com 196 páginas e em e-book formato pdf.
Novembro de 2024.

**Saiba como adquirir o livro
completo no site da SertãoCult**

www.editorasertaocult.com.br

Editora

**SER
TÃO
CULT**

Apenas juntar palavras não faz um poema. Um poema é feito de prazeres que estão cada vez mais raros: a vida, amigos, amores, uma canção do Lou Reed, os pés descalços na areia da praia. Coisinhas que guardamos nos escaninhos da nossa existência, em botijas cravejadas de memórias. Um belo dia decidimos que chegou a hora de compartilhar. É o que faz o poeta Gilson Soares Cordeiro ao nos proporcionar, com seus poemas de botijas, uma das melhores poesias produzidas em língua portuguesa. Uma lindeza!

Prof. Dr. Carlos Carvalho
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

